

BISCOITOS

Autor: Salma Ferraz

Eu sou romântica e pessoas românticas gostam de guardar coisas. Este conto ainda não está pronto, porque resolvi passar minhas férias todas catalogando minhas cartas, meus cartões, meus papéis de presente, minhas flores secas. Não sei se isto é um presságio, mas lendo os diários de outras duas loucas românticas: Frida Kalho e Florbela Espanca, senti-me impulsionada a catalogar minhas memórias. Pedi de presente no natal algo bem barato e útil: caixas coloridas e estou aqui em pleno verão de 2005 na Ilha da Magia e da Fantasia, compartimentando minha vida: cartas de escritores, caixas do ex, outra caixa de outro ex, mais um ex, fotos, cartões e tudo o mais que a nossa vã imaginação romântica possa prever.

O interessante é que minha melhor amiga, Roseli é o meu romantismo elevado à potência de todos os girassóis românticos do mundo. Minha amiga também gosta de Florbela e Frida, é poeta e também coleciona emoções, é a *proesia* em pessoa. Nós somos tão românticas que não enviamos flores para as pessoas que amamos - enviamos sementes, intenções de flores, flores a haver: *Não te esqueças de mim, sempre viva, amor suíço gigante vermelho*. Esta nossa mania de guardar todas as coisas têm nos dados dois problemas; primeiro é a falta de espaço para este museu de memórias muito bem vividas para menos de quatro décadas de nossas vidas, o segundo é contar com a compreensão do namorado atual para tantas memórias.

Mas a personagem deste conto, apesar de graciosa e feminina, não suportava lembranças, ou como diz a geração dela, não curtia esta onda. Para Aurora, se a palavra é lembranças é porque alguma coisa não tinha dado certo, ficou no passado e lá devia permanecer. Ela não guardava nada, quando rompia um namoro devolvia tudo o que pertencia ao ex-namorado ou então metia fogo em tudo, não sobrava uma mísera linha, um único cartão. Achava hiper cafona este negócio de almas gêmeas, parecia coisa do filme *Ghost*. Ela hoje tem vinte e dois anos e ama o seu tempo presente, o presente deste mundo e das pessoas e agora ela achou a felicidade, justamente onde menos esperava. Não era à toa que seu nome era Aurora, vivia o amanhecer e este negócio tão fora de moda de ouvir música olhando o pôr do sol definitivamente não era com ela. Águas passadas, para ela não deveriam mover moinhos nem atrapalhar namoros. Ela achava que as pessoas tinham uma propensão natural para o sofrimento, parece que gostavam de doer, não só a dor do presente, a dor de todo o passado e as dores do futuro.

Aurora tinha e não tinha sorte com seus namorados. Tinha sorte porque sempre fora, apesar de não acreditar nisto, amada por eles, e azar porque, por causa do seu ciúme, não conseguia entender uma mania comum a todos eles. Seus ex-namorados, uns quatro eram maravilhosos, educados, bonitos, com o futuro já engatilhado e, apesar das muitas

diferenças entre eles, tinham todos um defeito em comum (do ponto de vista dela, não do meu): gostavam de guardar lembranças das ex-namoradas, gostavam de sentir a dor e a cor do passado. Como ela não gostava de lembranças, não vamos dar aqui os nomes aos seus ex, vamos apenas nomeá-los pela ordem cronológica dos namoros e com o apelido nada carinhoso que ela colocou em cada um deles.

Em julho de 2001, ela tinha dezoito anos, e seu primeiro namorado 23 anos. Ele era paulista e estudava medicina da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. Era alto, loiro, olhos verdes, harmoniosamente belo e também romântico. Porém, o namoro não deu certo por causa de uma maldita caixinha arredondada de bolachas dinamarquesas *Queen's – Apple Cinnamon Cookies*. Ele tinha uma ex que fora muito importante na sua vida, seu primeiro amor e primeira mulher e por isto, guardava todas as cartas e bilhetes em uma caixa de bolachas da marca acima. O namoro terminou antes de completar um ano, quando numa tarde ao chegar inesperadamente no apartamento dele no bairro da Trindade, Aurora o viu sentado no sofá com a caixa de bolacha aberta e diversas cartas espalhadas no tapete da sala, tudo isto ao som de uma música italiana. Ela pediu que ele escolhesse ou ela ou a caixa de biscoito. Ele respondeu rapidamente:

- *Orra meu, você não está entendendo... Fico com a caixa biscoitos*. De raiva ela o apelidou de *o paulista das bolachas dinamarquesas*. Afinal de contas, paulista tinha que gostar de pizza e não de bolachas.

Passaram-se alguns meses e no final de 2001 ela arrumou um outro namorado. O seu segundo namorado era um gaúcho acostumados aos churrascos da vida e que vivia com sua família há mais de dez anos na Ilha da Magia. Ele era calmo e experiente, 35 anos, moreno, cabelos e olhos castanhos, voz grave, altura mediana e tinha uma loja de discos antigos no centro da Ilha. Ela com seu sexto sentido aguçado, imaginou que namorar um homem que trabalhava neste ramo não iria dar muito certo. O namoro corria bem no ritmo da jovem guarda, segundo ela dizia. Mas o que a incomodava era que toda vez que chegava na loja ele estava ouvindo um disco de Roberto Carlos: *Você foi o caso mais antigo, o amor mais amigo que me apareceu... dos amores que eu trago na vida você é a saudade que eu gosto de ter, só assim, sinto você bem perto de mim outra vez*. Ela desconfiou que atrás daquele vinil rodando constantemente na velha vitrola da loja, tinha um caso bem antigo e pendurado entre o presente e o passado. Ela tinha uma implicação uterina com o passado dos seus namorados. Que mania que as pessoas têm de deixar as coisas suspensas entre o passado e futuro. Porque as pessoas não sangravam logo tudo o que tinham para sagrar e depois deixavam a ferida cicatrizar em paz. Mas parece que as pessoas tinham um prazer quase mórbido em ficar remoendo, tirando pus de uma velha casca de ferida. Para ela recordar não era viver, era perder tempo de viver a vida. Ela sentia algo ruim em relação ao passado dos seus namorados, sentia-se excluída daquele tempo. A namorada que pertencia ao passado deles ganhava o estatuto de um mito, era algo intocável e ela simplesmente não podia competir com

um fantasma, a própria mumificação do amor. A mãe do rapaz que não simpatizava com o jeito despachado de Aurora, teve um prazer sádico ao informar-lhe que aquela música lembrava o seu filho de uma paixão avassaladora. No dia em que iriam completar um ano de namoro, ela o encontrou adormecido em seu carro contemplando o por do sol na avenida Beira Mar, ouvindo um cd com aquela música que o transportava ao passado. Acordou-o chacoalhando com modos nada delicados:

- *Você escolhe, ela ou eu.* Se as mulheres fossem mais inteligentes jamais pressionariam um homem, nem desta forma, nem de nenhuma outra maneira. Este é o tipo de pergunta que não se faz a nenhum homem da face da terra. Eles adoram ser desafiado e dizer orgulhosamente *não*. Estas perguntas despertam o instinto do macho adormecido das cavernas. Cara leitora lembre-se sempre do título de um livro *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* e acrescento que eles além de marte são de veneta. Ele respondeu acelerando o carro:

- *Mas bah gurial! que ciúmes mais besta!. Escolho ela!* Aurora ficou ali contemplando o pôr do sol com o qual ela não tinha muita simpatia. Depois de cicatrizada a ferida, ela o apelidou zombeteiramente de *o gaúcho do vinil passado*. Estava tudo errado, gaúcho deveria gostar de vanerão e não de Roberto Carlos. Ela não conseguia conviver com as sutilezas do novo sexo frágil. Homem que é homem hoje em dia tinha que chorar e recordar e para ela isto era o fim da picada e do namoro.

Em julho de 2002, Aurora completara dezenove anos e teve um namorinho rápido com um legítimo manézinho de Floripa, criado na tainha e no pirão. O rapaz era fotógrafo de trinta anos, gatíssimo, moreno de olhos verdes, lábios carnudos, forte, sensual, cabelos castanhos batendo no ombro e que beijava como se reunisse em sua boca todos os beijos de finais de filmes holywoodianos e novelas globais e além do mais tinha aquele jeitinho sensual de falar cantadinho. O namorado durou só três meses e acabou na primeira visita que ela fez a casa dele na praia do Sambaqui. Pendurado por tudo quanto era parede existia fotos e mais fotos, gavetas e mais gavetas repletas de álbuns e mais álbuns de todas a sua imensa galeria de ex-namoradas, algumas mais nuas que Eva quando foi criada, cada namorada fotografada em praias e poses diferente. Duas delas tinham um destaque especial na parede, estavam ampliadas em pôsteres, outras ainda estavam em porta-retratos. Aurora não aprendia e ingenuamente pediu que ele escolhesse entre aquele museu de ex que mais pareciam coelhinhas da *Playboy*, ou ela. Ele, como um tigre acuado respondeu:

- *Tás tola, tás tola, nega. Mofas com a pomba na balaia. Claro que fico com as coelhinhas.*

Ela saiu dali e do relacionamento frustrada porque ele quisera tantas vezes tirar uma foto dela e ela sempre achando que estava fora de forma, não aceitava. Agora nem sequer faria parte da galeria de coelhinhas. Este terceiro namorado ela denominou de *Manézinho das coelhinhas do Sambaqui*.

Final de 2002 e ela com apenas dezenove, já estava quase desanimada com estes homens que gostavam de doer e gemer o passado. Detestava solidão e por isto arrumou o quarto chamego. Ele tinha vinte e cinco anos, era um nordestino cabra da peste, adorava forró, bonito da moléstia, arretado que só, curtido pelo sol e criado no charque e na buchada de bode. Ele tinha chegado de Caruaru e trabalhava vendendo redes na Praia da Daniela. Ele não colecionava caixa de bolachas, nem discos de Roberto Carlos, nem fotos nas paredes, mas colecionava roupas bregas que ganhara de várias namoradas dos rincões mais distantes do nordeste: era camisa xixelenta e florida que Marinalva de Fortaleza comprara na feirinha de Iracema; era a gravata amarela e chueba que Glória de Caruaru lhe presenteara; era um chapéu de couro esquisito que Francineide comprara para ele na Feirinha de João Pessoa; era o cinto horroroso que Mercirene trouxera para ele no Recife e um botom com a foto benzida do *padim ciço* que uma falsa beata enviou-lhe de Juazeiro do Norte. Enfim, tinha um guarda roupa muito bem fornecido por roupas e quinquilharias presenteadas por mulheres de toda geografia nordestina. Afinal, não era à toa que ele carregava quatro grandes malas repletas de roupas, era um retirante do amor. Cada vez que falava numa peça de roupa, atrás dela vinha uma triste estória de amor severino que ele desfiava com prazer do arretado macho nordestino. O namoro não durou nem três meses e acabou na primeira vez que tentaram fazer amor. Ele teve a infeliz idéia de contar para ela a estória daquela bermuda de tecido vermelho reluzente que guardava as marcas íntimas da mulher mais quente ela já conhecera no nordeste. Ela pediu que ele tirasse a bermuda e ele todo gabola e arrotando vitória, aceitou achando que ia vadiar na areia banhado pelo luar, que finalmente encontrara a perseguida do sul. Ela saiu correndo, apoquentada, mais parecia o cão em forma de gente, e jogou os sentimentos e a bermuda do matuto no mar. O sertão virou mar e foi o maior forrobodó. A correnteza levou a relíquia dos amores clandestinos do nordestino e ele ficou lá pelado, nu com a mão no bolso, no maior aperreio, gritando:

- *Arre égua... agora deu... Cê vai acabar nos caritó, sua fia da gota-serena, lesada das idéia. Tomara que saia um cabrunco na sua priquita! Que nunca tenha um tremilique nos fiofó...*

Ela para mangan dele, aquele filho de uma chocadeira, o apelidou de *manequim de brechó*.

Estava desanimada com estes passados freudianos dos ex-namorados. Eles deveriam vir com a garantia do selo ISO 9000 – *sem lembranças*

Chegara o verão de 2003 e ela conheceu um atlético descendente de alemão que havia sido criado em Blumenau, comendo marreco com aipim e bolo de cuca. Ele morava em Floripa há dez anos, era surfista, bronzeado, cabelos clareados pela ação do sol, rosto coberto constantemente de protetor solar. Era filho de pais ricos, por isto passava seus dias entre a Joaquina e a Mole **azarando** e parafinando sua prancha, junto com sua galera de surfistas. Aurora se apaixonara pelo conjunto, mas o que mais a encantava era a cor da sua pele

dourada, seus cabelos parafinados e o seu cheiro de mar. Ele era saradão, ou, como diziam na língua do surf, **adrenalizadamente chocante**, e por causa disto, ela entrou na academia e começou a fazer regime para não passar vergonha entre as deusas da Praia Mole. Antes de começarem a namorar, ela lhe fez umas perguntas que ele achou muito estranho:

- *Você coleciona cartas antigas de amiguinhas em caixas de bolachas?*
- Não.
- *Você coleciona discos de antigas namoradas?*
- Não.
- *Você guarda fotografias das ex?*
- Não.
- *Você tem muitas roupas que ganhou de mulheres?*
- Não. Não gosto de colecionar coisas do passado. Tô nem aí pro passado.

Acabou. Acabou.

Ah, ela estava muito feliz. Este era o homem da onda, do presente. Finalmente achara alguém que vivia o hoje em detrimento do ontem. Com ele certamente ela não teria problemas, já que ele nem conhecia o termo *revival*. Ele não guardava absolutamente nada das antigas namoradas, que, aliás, deveriam ter sido muitas. O surfista era cabeça feita, olhava o futuro e não o passado. Como ela o desejava. Ao olhar para aquele corpo dourado, imaginava como seria fazer amor com ele nas dunas da Joaquina, nas areias quentes e fofas da Praia Mole. Para surpresa de Aurora, nas duas primeiras vezes em que fizeram amor, ele preferiu os famosos motéis que ficavam na rodovia em direção às praias do norte da Ilha. Ele era simplesmente delicioso no sexo, muito bem dotado pela natureza, perfeito em tudo e possuía uma cabeleira obscena e realizava com elas todas as manobras sexsurf: *aéreo na junção, aéreo 180, aéreo 360*. Eles simplesmente luxuriavam.

. Porém, sempre existe um *porém*. Aurora achou muito estranho um fato curioso: nas duas vezes que fizeram amor, ele preferiu o escuro total. Ela ficou ruminando os motivos que levariam aquele deus dourado a só fazer amor no escuro. Ele tinha um corpo perfeito, a barriga cheia de gomos, e ela vivia na academia e queria exhibir seu corpo agora mais enxuto e sem nenhuma gota de celulite. Nas duas vezes em que estiveram no mesmo motel, durante os rala e rola do amor, ela tentou acender a luz do abajur, gesto que ele, abruptamente, interrompeu. Depois ela queria desfilhar para ele com sua lingerie nova e ele que estava todo empolgado para mais uma transa, simplesmente perdeu a vontade e pediu para irem embora. Ela, na hora não entendeu nada, mas depois compreendeu que o problema não era com ela. Ele não quis o desfile, porque precisaria acender a luz. Será que ele sofria de alguma doença, que tinha fobia de luz? Ou era um vampiro? Era impossível, já que ele passava o dia inteiro

debaixo do sol abrasador de verão. Aurora se lembrara que no motel, quando saiu do banho, a luz do quarto já estava toda apagada.

Resolveu que na próxima vez que saíssem decifraria aquele mistério. Um dia no entardecer na Praia Mole, ela ficou atentando o namorado, para darem uns amassos ali mesmo na areia quase deserta. Ele estava completamente excitado, mas quando notou que o sol ainda estava no horizonte, desconversou e pediu para irem embora.

Num sábado à noite, foram a uma festa e ele bebeu mais do que deveria, além de ter comido várias pedaços de torta de amendoim. Saíram e pela terceira vez lá foram eles para o mesmo motel. Parece que ele conhecia bem aquele motel, principalmente o painel de controles que ficava na cabeceira da cama, já que lidava com ele com uma desenvoltura impressionante. Chegaram e como das outras vezes fizeram amor no escuro e, exaustos, dormiram logo em seguida. Aurora acordou no meio da noite, estranhando o quarto escuro. Ela, silenciosamente, ligou o abajur com a luz bem fraquinha e qual não foi sua surpresa, ao notar uma pequena montanha no meio da cama, que se erguia levando consigo o lençol de cetim. Sim, seu surfista estava tendo uma ereção noturna, e que ereção! O lençol parecia um mar branco que se erguia em torno daquele Everest só dela e de mais ninguém. Ela se movimentava bem devagar, não queria acordá-lo de forma alguma. Foi aproximando sua cabeça em direção àquela maravilhosa montanha de prazeres, sua mão foi puxando aos poucos o lençol que deslizava suavemente. Ela queria ver seu sexo, queria sentir de perto aquela natureza que exuberava em centímetros e mais centímetros. Foi aproximando seu rosto, enquanto deslizava suavemente o lençol com uma das mãos. Posso ver a cena. Quando a última ponta do lençol descobriu aquela fartura loira, sua mão ficou parada no ar, seu rosto gelado, seus olhos azuis mais arregalados do que nunca. Completamente atordoada viu surgir diante de si esplendorosos 22 cm em forma de *out-door*, numa propaganda nada enganosa. Em letras grandes e com espaço razoável entre elas, saindo da base do pênis e indo até a cabeça na curvatura, gravada em carne e músculo, um nome de mulher com uma espécie de dedicatória: *LU FOREVER*

Seu sexo deu um comichão de ódio, *sua onda fora cortada* numa manobra radical.. Maldito surfista **de alma salgada** que deixara que uma mulher, com nome de cadela, autografasse seu sexo. Ela estava irada e pensou em cometer um penicídio. Como ele pudera fazer aquilo com ela? Ela dormira com a *Lu*, fizera sexo com a *Lu*, fora possuída pela *Lu*, justamente ela que nunca tivera tendência para ser lésbica fora penetrada por uma vadia, sentara sobre uma mulher, gozara com uma mulher, *forever*. Quem afinal fora esta *luluzinha*, por causa de quem ele resolveu ostentar esta lembrança para todas as outras mulheres que passassem pela sua vida e pelo seu pênis? E ela pensando que todo aqueles centímetros lhe pertenciam. Não só não lhe pertenciam como ainda estava marcado como gado de raça. Aquele pedaço – e que pedaço - tinha ou teve um dia uma dona e ainda *forever*. Pensou em acordá-lo e fazer um escândalo do tamanho daquele pênis de jumento. Acordar para quê? Ele

falara a verdade quando disse que não colecionava caixas de biscoitos, cds antigos, fotos, roupas de ex-namoradas. Simplesmente ela escondera que tinha um pênis tatuado/autografado e, afinal, ela não perguntara isto.

Ela deslizou cuidadosamente da cama, pé por pé, juntou suas coisas numa sacola, vestiu suas roupas toda atrapalhada, algumas até pelo lado do avesso, e antes de sair, caminhou descalça em direção a um espelho de parede e escreveu com baton vermelho, na vertical, em letras enormes: *Lu forever*. Foi até a portaria do motel e **completamente aloprada** chamou um táxi e saiu dali em estado de choque com a única certeza de que jamais olharia para aquele *surfista do pênis autografado* e que odiaria para sempre qualquer mulher que tivesse nome começado com Lu e nas aulas de inglês jamais pronunciaria a palavras *forever*. Ao chegar ao seu apartamento, lavou diversas vezes seu sexo, com muito sabonete. Tinha vontade de se lavar com kiboá. Parecia que trazia em si, nas entranhas o nome e o sabor de uma mulher que deveria ter sido realmente uma cadela. Imagina o que ela deveria ter feito em cima da cama, para que ele lhe prestasse aquela homenagem *forever*. Lembrava-se de todos seus ex-namorados. Afinal o que significava um caixinha de bolacha recheada de cartas, uns cds antigos, umas fotografias amareladas penduradas na parede, umas roupas bregas comparadas com um enorme pênis autografado? Era o passado sexual ostentado em carne e músculo diante da sua cara, era o passado que tinha entrado na sua vida, no seu sexo. Lembrou-se da praga jogada pelo arretado nordestino: *Tomara que saia um cabrunco na sua priquita!* Ter feito amor com a Lu forever, era pior do que ter dezenas de enormes “cabruncos” naquele lugar. As manias dos seus ex-namorados agora lhe pareciam absolutamente insignificantes, um grão de areia perto daquela *Lu forever* na vertical. Isto sim é que era se tornar uma celebridade penial.

Chegara o inverno de 2003 e Aurora já estava há quase seis meses sem namoro. Desistira depois de sua última tentativa frustradíssima. Ela completaria 20 anos no final de Julho. Estava tão triste que não convidara as amigas, não programara nada, não queria comemorar nada. Sua tristeza aumentava com o inverno chuvoso da Ilha. Nunca fizera tão frio em Floripa. Numa noite chuvosa ela estava tomando uma deliciosa canja no restaurante *Verdilha*, próximo à Universidade e qual não foi sua surpresa ao perceber o *paulistano das bolachas dinamarquesas* si servindo no bufê de sopas. Ele parecia estar indeciso entre tantas sopas e ela tomando seu copo de vinho, começou a contemplá-lo de longe. Lembrou-se dos carinhos trocados entre eles nos bosques da UFSC, lembrou-se como ele era carinhoso, como nunca lhe traíra nem tinha olhos para nenhuma outra mulher, exceto aquela das cartas das caixas de bolacha. Mas afinal ela tinha sido a primeira mulher dele, essas coisas deveriam marcar mesmo. Ele continuava a se servir e ela notou que ele ficava mais bonito ainda vestido de branco e que muitas garotas o olhavam com olhares gulosos. Ele era inteligente, belo, romântico, uma profissão promissora. Mas, já havia se passado quase dois anos, ele já deveria estar noivo, já que faltava pouco para ser formar.

Qual não foi a surpresa de Aurora, quando ele ao enxergá-la veio entusiasmado em sua direção, disfarçando sua emoção já que o prato de sopa tremia em suas mãos. Conversaram quase duas horas, beberam vinho e foram os últimos a sair do restaurante. Colocaram todas as fofocas em dia, riram muito e em frente à Avenida geral do Bairro Córrego Grande, tiveram que se despedir por que os dois estavam de carro. Na hora da despedida eles se atrapalharam com os guarda-chuvas e com as capas de chuva. Foi um abraço difícil, mas foi um abraço muito especial. Quando se afastaram, Aurora carinhosamente passou a mão naquelas madeixas loiras e desajeitadas e perguntou-lhe:

- Estás namorando alguém?

- Não, sua boba, sou um cdf, lembra-se? Não tenho tempo. Só tinha pra você, mas...

- Toma um chá comigo na semana que vem...

- Semana que vem. Claro, final de Julho é teu aniversário. Aceito o convite.

Quando?

- Na sexta, às cinco. Tudo muito simples, não vou fazer nada especial.

Abraçaram-se novamente e demoraram abraçados. Os dois saíram dali pensando tanta coisa, como haviam perdido tempo, como tinham sido especiais um para o outro e como haviam acabado por uma bobagem amanteigada.

A sexta chegou e Giordano apareceu com uma blusa de lã linda terracota, uma calça preta impecável. No apartamento de Aurora, o chá estava sobre a mesa enfeitada com uma cestinha de flores. Ela havia caprichado na roupa e na mesa. Ela vestia um vestido de xadrez e a mesa estava bem servida com uma louça especial com motivos ingleses e, além disso, havia chá de maçã, cuca de banana, compotas, geléias e uma enorme caixa de biscoitos dinamarqueses da marca *Queen's – Apple Cinnamon Cookies*. Giordano olhou para aquela caixa de biscoitos dinamarqueses e só conseguiu fazer uma pergunta:

- *Você não odiava biscoitos dinamarqueses?*

- *A gente muda de gosto.*

- *E de idéias?*

- *Também. A vida ensina...*

- *Quer dizer que você não implicaria mais com minha caixinha de lembranças?*

Aurora lembrou-se do último episódio de sua vida e pensou o que era afinal uma caixa de biscoito perto de um coito com *Lu Forever* e respondeu categoricamente:

- *Não*

- *Posso te confessar uma coisa?*

- *Claro, amor.*

- *Agora tenho duas caixas?*

- *Duas?*

- *Guardei todas as suas lembranças numa caixinha de bolacha igualzinha a esta daqui. Você não foi a primeira mulher da minha vida, mas foi a mais especial de todas elas.*

Aurora retirou um biscoito colocou na boca e deu-lhe o beijo mais amanteigado e apaixonado de sua vida. Nove meses depois, exatamente em Abril de 2004, nasceu uma menina com carinha de princesa dinamarquesa.